
Laura Bellini
No Coração do Silêncio
A lembrança de um antigo amor não fecha o coração para um novo

No Coração do Silêncio

A lembrança de um antigo amor não fecha o coração para um novo

Laura Bellini

ROMANS

ISBN: 9788384902653

ALL-IN Rafał Płonkowski



ÍNDICE

INTRO 4
Capítulo 1 - Condições que não foram escritas.....12
Capítulo 2 - O Espaço Entre Duas Pessoas..... 24
Capítulo 3 - O Que Não Pode Ser Planejado 37
Capítulo 4 - Quando os Assuntos Seguros se Esgotam..... 47
Capítulo 5 - O Direito de Dar o Próprio Passo 58
Capítulo 6 - O Primeiro Beijo 68
Capítulo 7 - Entre a Memória e o Desejo..... 77
Capítulo 8 - Mais do Que um Vizinho..... 87
Capítulo 9 - O Risco que Corremos Juntos 96
Capítulo 10 - Onde a Intimidade Começa 108
Capítulo 11 - Um Lugar para Dois 119
Capítulo 12 - Os Limites das Lembranças 130
Capítulo 13 - O Preço dos Próprios Sonhos 141
Capítulo 14 - A Verdade que Ainda Não Sabemos Dizer 151
Capítulo 15 - Tudo o Que Não Dissemos..... 161
Capítulo 16 - A Distância que Dói 171
Capítulo 17 - Com Minha Própria Voz.....180
Capítulo 18 - O Que Permanece 188
Capítulo 19 - Não Precisamos Escolher.....197
Capítulo 20 - No Coração do Silêncio 207

INTRO

Na primeira manhã depois da minha chegada à região do lago Wigry, acordei com um som que não consegui identificar de imediato. Não era o canto dos pássaros, nem o farfalhar dos juncos agitados pelo vento. Alguém, do outro lado da parede da minha casa, tocava violino. A melodia era interrompida depois de alguns compassos, recomeçava do início e então silenciava, como se o músico descobrisse, a cada tentativa, alguma coisa que os outros não tinham o direito de ouvir.

Fiquei imóvel por alguns instantes, observando a faixa clara de sol que atravessava o teto. Em Varsóvia, eu acordava com o barulho dos carros, dos bondes e das notificações impacientes do celular. Ali, tudo deveria ser diferente. Eu havia comprado aquela casa justamente porque, entre ela e as construções mais próximas, cresciam pinheiros antigos, e o lago começava a poucas dezenas de passos do terraço. O silêncio era um dos poucos luxos que eu havia decidido me permitir sem precisar explicar minha escolha a ninguém.

Levantei-me, vesti uma camisa de linho e abri a janela. O ar fresco tinha cheiro de madeira úmida, terra e água. O violino voltou a soar. Dessa vez, a melodia era mais lenta, quase tímida. Eu ainda não sabia se queria encontrar o homem que perturbava minha tranquilidade ou pedir que ele nunca parasse de tocar.

Sobre a mesa da cozinha estava meu planejamento para os três meses seguintes. Quatro folhas cobertas de anotações em letras pequenas, um cronograma de tradução de um romance francês e uma lista de tarefas necessárias

para montar um pequeno ateliê. Eu tinha cinquenta e dois anos, uma profissão que podia exercer de qualquer lugar do mundo e economias suficientes para, pela primeira vez em muito tempo, não precisar tomar decisões sob pressão.

Queria criar ali um espaço para trabalhar com textos, papel e livros antigos. Oficinas para pessoas que precisassem deixar os celulares de lado por algumas horas e se lembrar de como podia ser prazeroso fazer alguma coisa com as próprias mãos. A ideia vinha amadurecendo dentro de mim havia meses. Não pretendia transformá-la em um grande empreendimento. Alguns encontros, grupos pequenos, nenhuma pressa. E, acima de tudo, nenhum sócio que considerasse minha vida um projeto à espera de melhorias.

Às nove horas, chegou a senhora Helena, a bibliotecária da região que estava me ajudando a estabelecer contato com os moradores. Trouxe uma cesta de pãezinhos doces e um envelope com documentos referentes às atividades planejadas.

— Tenho uma boa notícia para a senhora, dona Grażyna — anunciou, antes mesmo que eu conseguisse preparar o café. — Encontrei alguém que pode ajudar com as oficinas.

— Eu não estava procurando ajuda.

— Eu sei. Por isso, peço que me escute primeiro.

A senhora Helena possuía aquele tipo particular de firmeza educada contra o qual eu nunca sabia lutar. Sentou-se à mesa e abriu diante de mim um folheto de uma associação local. Reconheci o carimbo da fundação que eu havia procurado anteriormente para tratar do aluguel de uma sala adicional.

— Existe a possibilidade de conseguirmos um financiamento conjunto para as atividades. Seu ateliê e a oficina do vizinho poderiam criar algo realmente interessante. Só que o pedido precisa ser apresentado pelos dois, até o fim do mês.

— Do vizinho?

Em resposta, ela apontou pela janela, na direção de uma pequena construção atrás de uma faixa de pinheiros.

— Jerzy Witek. Um luthier. Entende de madeira, instrumentos musicais e restauração. Trabalhou em Cracóvia durante algum tempo. Tem uma personalidade forte, mas é um homem decente.

Olhei para o prédio de onde a música havia vindo mais cedo.

— Foi ele quem estava tocando hoje de manhã?

— Provavelmente. Às vezes, testa o som dos instrumentos antes de entregá-los aos clientes. Nem todo mundo gosta.

— Não me incomodou — respondi depressa demais.

A senhora Helena sorriu como se tivesse ouvido muito mais do que eu realmente dissera.

Eu não queria um projeto compartilhado. Durante vinte e oito anos, dividi com Adam um apartamento, viagens, contas, livros e cafés da manhã de domingo. Até nossas pequenas discussões tinham um ritmo familiar, que eu reconheceria de olhos fechados. Quando ele morreu, três anos antes, o mundo não desmoronou de maneira espetacular. Simplesmente deixou de corresponder aos meus hábitos cotidianos.

O mais difícil não eram os feriados nem os aniversários. O mais difícil acabou sendo comprar pão e perceber que metade ficava sem ser comida.

A casa às margens do Wigry deveria ser um lugar onde eu já não viveria exclusivamente em função da ausência de alguém. Ali, eu pretendia recuperar meu próprio ritmo. Mas também não tinha a menor intenção de fingir que o passado podia ser deixado em Varsóvia junto com os móveis desnecessários.

— Posso conversar com ele — respondi, por fim. — Mas não prometo nada.

— Era exatamente isso que eu queria ouvir.

Uma hora depois, eu estava diante da porta da oficina vizinha. Ela se encontrava entreaberta. Lá dentro, havia cheiro de resina, madeira recém-aplainada e café forte. Nas prateleiras, vi pequenas ferramentas, moldes de madeira e instrumentos em diferentes estágios de fabricação. A luz entrava por uma janela alta, iluminando partículas finas de pó suspensas no ar.

O homem que estava junto à bancada só se virou quando bati na moldura de madeira da porta.

Tinha cabelos grisalhos, ligeiramente despenteados, como se tivesse passado os dedos por eles várias vezes desde o início da manhã. As mangas da camisa escura estavam arregaçadas, deixando à mostra os antebraços cobertos por uma poeira clara de serragem. Não parecia alguém particularmente preocupado em causar uma boa primeira impressão. Ainda assim, a maneira como pousou a ferramenta e concentrou toda a atenção em mim fez com que, por um instante, eu esquecesse a frase que havia preparado.

— Grażyna Michalska — apresentei-me. — Sua nova vizinha.

— Jerzy Witek. Imaginei que fosse.

Sua voz era grave, um pouco rouca, mas agradável. Ele não estendeu a mão imediatamente. Primeiro, limpou as mãos em um pano de algodão, como se aquele encontro merecesse um mínimo de cuidado.

— A senhora Helena mandou você aqui com uma proposta ou uma reclamação?

— Depende. O senhor pretende tocar violino todos os dias às sete da manhã?

Ele olhou para o relógio pendurado acima da bancada.

— Hoje comecei às sete e vinte.

— Então vim com uma proposta.

Ele soltou uma risada breve e espontânea. Aquele riso não combinava com o homem concentrado que, momentos antes, estava inclinado sobre um instrumento. Era caloroso e surpreendentemente jovial.

Expliquei a questão das oficinas. Jerzy me ouviu sem interromper, apoiado na beirada da bancada. Quando mencionei o cronograma e a possibilidade de financiamento, sua expressão ficou séria.

— Não tenho interesse em participar de um empreendimento no qual alguém vai me dizer quanto tempo posso passar entalhando um pedaço de madeira — declarou.

— E eu não pretendo organizar atividades cujos participantes só descubram a data de realização quando a inspiração do senhor resolver aparecer.

Durante alguns instantes, ficamos nos olhando em silêncio.

— Essa pode ser uma parceria complicada — observou.

— Felizmente, ainda não concordei em participar dela.

Desviei o olhar para o instrumento que estava sobre a bancada. Era um violino pequeno, ainda sem cordas, de uma bela tonalidade de mel. Jerzy percebeu meu interesse e, sem que eu precisasse pedir, afastou-se para que pudesse me aproximar.

Em uma prateleira próxima, havia a fotografia de uma mulher de cabelos claros. Ela sorria para alguém fora do enquadramento, segurando um buquê de flores silvestres. Ao lado da fotografia, repousava um lenço antigo, azul-marinho. Não perguntei quem era aquela mulher. Jerzy, porém, percebeu a direção do meu olhar e ficou imóvel por um instante.

Eu conhecia aquele gesto involuntário. Durante muitos meses, também havia endireitado por puro reflexo a fotografia de Adam sobre a cômoda, mesmo quando ela estava perfeitamente alinhada.

— É um lugar bonito para trabalhar — comentei, voltando a atenção para o violino.

— O melhor que já tive.

— E o lago?

— Já estava aqui muito antes de mim. Tento não incomodá-lo.

Sorri. Jerzy me observou com mais atenção, como se só naquele momento tivesse enxergado em mim alguém além da nova vizinha que aparecera com documentos.

— Aceita um café?

Eu deveria ter recusado. Cem páginas de tradução me esperavam sobre a escrivaninha, e um eletricista viria examinar a instalação elétrica da casa. Eu tinha meu próprio planejamento e, nos últimos anos, havia aprendido o quanto era reconfortante segui-lo com disciplina.

No entanto, Jerzy estava diante de mim segurando duas canecas de cerâmica, paciente e completamente despreocupado com meu silêncio.

— Uma xícara — respondi. — Mas depois precisamos conversar sobre as condições dessa parceria.

— Claro. Gosto de saber exatamente com o que estou me comprometendo.

Sentamo-nos junto à janela aberta. O grito de uma ave veio do lago, e o vento movimentou as folhas de papel espalhadas sobre a mesa. Jerzy as segurou com uma das mãos e afastou-as da minha caneca. Foi um gesto pequeno e prático, sem nenhuma tentativa de impressionar.

Pela primeira vez em muito tempo, senti vontade de contar a um desconhecido alguma coisa que não havia planejado dizer.

E foi justamente naquele instante que senti medo. Não da proximidade dele, mas da minha própria disposição para aceitá-la.

Jerzy me olhou por cima da borda da caneca.

— Dona Grażyna, aconteceu alguma coisa?

Observei seu rosto tranquilo, os cabelos grisalhos e as mãos que, momentos antes, haviam segurado minhas folhas com tanto cuidado. Pensei em Adam, em todos os nossos anos juntos e no quanto eu não queria perder sequer a menor parcela daquilo que havia restado de nossa história.

E, ainda assim, estava sentada diante de um homem que conhecera havia apenas alguns minutos e desejava ficar por mais tempo.

— Não — respondi baixinho. — Acho que alguma coisa está começando.

Não sabia se ele havia me compreendido. Nem sequer tinha certeza de que eu mesma compreendia aquelas palavras.

Sabia apenas que, quando Jerzy sorriu, não desviei o olhar.

E, de repente, surgiu a pergunta que eu havia evitado cuidadosamente durante três anos: será que eu podia me permitir amar alguém novo sem deixar de amar o homem que havia perdido?

Capítulo 1 - Condições que não foram escritas

Na manhã seguinte, encontrei um envelope debaixo da porta. Não havia nome nem endereço, apenas uma palavra escrita cuidadosamente: "Para a vizinha". Dentro, havia um pequeno cartão com o horário de um encontro, o endereço de um centro comunitário em uma localidade próxima e uma observação: "Por favor, traga seu cronograma. Eu levarei a paciência. Jerzy".

Li a mensagem duas vezes antes de me permitir sorrir. A última vez que um homem havia me convidado para um encontro de maneira igualmente peculiar fora mais de trinta anos antes. Adam às vezes deixava bilhetinhos entre as páginas dos livros que eu traduzia. Escrevia coisas pouco sérias, geralmente relacionadas à minha tendência de trabalhar até tarde da noite. Eu ainda guardava um daqueles bilhetes na carteira, embora o papel já estivesse amarelado e a tinta, desbotada.

Guardei a mensagem de Jerzy no bolso e saí para o terraço. O lago estava liso, prateado, quase imóvel. De longe vinha o ruído abafado do motor de um barco. Eu tinha duas horas de trabalho pela frente, dedicadas à tradução, mas meus pensamentos insistiam em voltar à conversa do dia anterior. Não exatamente à proposta das oficinas. Pensava mais na maneira como Jerzy escutava, sem pressa de responder e sem tentar preencher cada pausa com a própria voz.

Eu não conseguia me lembrar da última vez em que o silêncio na presença de outra pessoa me parecera tão natural.

O encontro estava marcado para as onze. Cheguei alguns minutos antes, seguindo um velho hábito. O centro comunitário funcionava em um prédio restaurado de tijolos vermelhos. Diante da entrada havia vasos de lavanda, e no quadro de avisos estavam afixados cartazes sobre aulas de cerâmica e encontros de um grupo local de fotografia.

Jerzy já estava sentado a uma mesa comprida, inclinado sobre um esboço. Quando entrei, levantou a cabeça e olhou para o relógio.

— A senhora é pontual.

— E o senhor, pelo visto, não pretendia correr o risco de se atrasar.

— Queria preparar meus argumentos antes de ser interrogado.

Coloquei uma pasta diante dele.

— Também preparei algumas perguntas.

— Era exatamente o que eu temia.

Ele vestia uma camisa clara de mangas arregaçadas e calças escuras. À luz que entrava pelas janelas altas, seu rosto parecia mais cansado do que no dia anterior. Notei pequenas rugas ao redor dos olhos e a maneira característica como franzia a testa quando se concentrava. Não era bonito daquela forma óbvia, própria dos anúncios publicitários. Havia nele, porém, alguma coisa que me fazia querer observá-lo por mais tempo.

A senhora Helena chegou acompanhada de uma jovem que se apresentou como Marta, coordenadora de projetos culturais locais. Ela espalhou documentos sobre a mesa e explicou as regras do financiamento. A associação poderia obter recursos para uma série de seis encontros dedicados

às técnicas tradicionais de artesanato. A condição era combinar pelo menos duas áreas de conhecimento e abrir as atividades aos moradores da região e a um pequeno grupo de visitantes.

— A senhora Grażyna trabalha com livros e textos, e o senhor Jerzy, com instrumentos musicais — explicou Marta. — Pensamos em oficinas que reunissem papel, madeira e música.

— Livros não envolvem apenas o trabalho com textos — corrigi delicadamente. — Gostaria de mostrar também métodos tradicionais de encadernação, costura de cadernos e escolha de materiais. Os participantes deveriam sair daqui levando alguma coisa que realmente tivessem feito.

— Concordo — disse Jerzy. — Mas não pretendo permitir que pessoas sem experiência utilizem ferramentas cujo funcionamento desconhecem. Podemos preparar peças seguras para que trabalhem nelas e demonstrar pessoalmente as etapas mais difíceis.

Olhei para ele com aprovação. Não esperava que encontrássemos um ponto em comum tão depressa. Mas então Marta passou ao cronograma.

— Propomos dois encontros por semana, de preferência com quatro horas de duração cada um. Podemos começar na metade do próximo mês.

— É cedo demais — falei.

— É tarde demais — declarou Jerzy ao mesmo tempo.

A senhora Helena suspirou, e Marta nos observou com um sorriso inseguro.

— Entendo que os dois estão em etapas diferentes de preparação.

Peguei meu planejamento. Nele estavam assinaladas as datas de entrega da tradução, as obras de reforma e o período necessário para organizar o ateliê. Jerzy examinou as folhas por alguns instantes e depois deslizou seu próprio desenho na minha direção.

O esboço mostrava um pequeno objeto de madeira semelhante a uma armação na qual seria possível esticar fios. Abaixo do desenho, havia anotações sobre medidas e materiais.

— Gostaria que as pessoas trabalhassem com objetos de verdade — explicou. — Não com kits prontos em que a única tarefa é ler as instruções. Preparar os postos de trabalho vai levar pelo menos três semanas, e depois precisarei de tempo para fazer testes.

— Então, no fundo, o senhor concorda comigo.

— Não exatamente. Gostaria de começar as primeiras atividades antes que todas as obras no seu espaço estivessem concluídas.

— Não pretendo convidar pessoas para uma sala com fios elétricos saindo das paredes.

— Podemos usar o centro comunitário.

— E o meu ateliê?

— Estará pronto quando estiver pronto.

Não havia malícia em sua voz. Era justamente isso que mais me irritava. Jerzy expressava suas opiniões com tranquilidade, como se não percebesse que estava desmontando toda uma estrutura à qual eu havia dedicado tantas noites.

— Senhor Jerzy, não se trata apenas do espaço físico. Preparei um conceito específico. Não quero modificá-lo

simplesmente porque surgiu a possibilidade de receber dinheiro.

— Eu também não quero que o dinheiro determine a qualidade do nosso trabalho.

Marta sugeriu uma pausa. A senhora Helena saiu para telefonar a alguém da administração local, e ficamos sozinhos.

Jerzy fechou o caderno.

— Deixei a senhora irritada.

— Percebeu.

— Não era minha intenção.

— E qual era?

— Queria descobrir se conseguimos trabalhar juntos sem fingir que temos ideias idênticas.

Apoiei as mãos sobre a mesa.

— Poderíamos ter descoberto isso de uma maneira menos pública.

— Tem razão. Desculpe.

A simplicidade da resposta acabou com minha vontade de continuar discutindo. Jerzy não tentou se justificar nem me convencer de que eu estava exagerando. Aceitou a observação e depois esperou pacientemente.

— Me diga uma coisa — comecei, após alguns instantes. — Por que essas oficinas são tão importantes para o senhor?

Ele se recostou na cadeira. Durante um momento, pareceu considerar várias respostas, sem achar nenhuma adequada.

— Há anos conserto instrumentos que outras pessoas construíram. Gosto do meu trabalho, mas cada vez mais recebo clientes que só querem recuperar rapidamente um objeto em boas condições. Não sabem quanto tempo é necessário para que a madeira comece a produzir o som certo. Gostaria de mostrar o processo, não apenas o resultado.

— Parece razoável.

— Há mais uma coisa. Certa vez, prometi que ensinaria. Adiei isso durante tanto tempo que a promessa começou a parecer uma acusação da minha própria consciência.

Não perguntei a quem ele havia feito aquela promessa. Percebi, porém, que desviara o olhar para a janela. Seu rosto assumiu a mesma expressão que eu havia visto no dia anterior, diante da fotografia da mulher em sua oficina.

— Não precisa me contar — falei.

Ele me olhou com algo parecido com gratidão.

— E a senhora? Por que justamente aqui?

Eu poderia ter respondido falando da tranquilidade da região, do custo de vida mais baixo ou da independência profissional. Tudo seria verdade, mas não explicaria o que realmente importava.

— Durante os últimos três anos, muitas pessoas me disseram o que eu deveria fazer com a minha vida — respondi. — Algumas aconselhavam que eu voltasse a trabalhar em tempo integral. Outras diziam que eu deveria viajar. Havia ainda quem sugerisse vender meu apartamento e morar mais perto da família. Ninguém perguntou o que eu realmente queria.

Jerzy não me interrompeu.

— Quando encontrei aquela casa, pensei que poderia tentar. Não começar tudo do zero, porque isso é impossível. Simplesmente construir alguma coisa que fosse minha.

— E é por isso que não quer um sócio.

— Exatamente.

— Entendo.

Senti uma decepção inesperada. Como se o fato de ele compreender significasse que a conversa havia terminado, quando eu não queria encerrá-la.

— Mas...? — perguntei.

— Mas trabalhar junto com alguém não significa entregar sua vida a essa pessoa.

Ele disse aquilo sem sorrir. Havia algo pessoal naquela frase, alguma coisa que eu ainda não sabia identificar.

Marta voltou com os documentos. Apresentou a possibilidade de organizar a primeira atividade experimental no centro comunitário e realizar as seguintes em nossos ateliês, caso ambos concordássemos. O financiamento cobriria materiais, seguro dos participantes e remuneração dos responsáveis pelas oficinas. Restava definir a data.

— Poderíamos começar com um único encontro demonstrativo — sugeri. — Sem nos comprometermos imediatamente com toda a programação. Assim, avaliamos o interesse e nossas possibilidades.

Jerzy assentiu.

— Desde que preparemos esse encontro juntos. Não quero ser apenas o homem que mostra algumas ferramentas no final da sua palestra.

— E eu não pretendo distribuir folhas de papel aos participantes apenas para que possam anotar os nomes dos seus formões.

Pela primeira vez, sorrimos um para o outro na presença das demais pessoas.

— Então temos um ponto de partida — concluiu Marta.

Combinamos que prepararíamos uma proposta conjunta dentro de dois dias. Escolhemos o último sábado do mês para o encontro demonstrativo. A decisão definitiva sobre toda a programação seria tomada somente depois de verificarmos os custos e as condições.

Quando saímos do centro comunitário, o sol já estava alto. Jerzy parou ao lado do meu carro, com o caderno debaixo do braço.

— A senhora realmente acha que minhas aulas poderiam se resumir a mostrar formões?

— Não. Mas suspeito que o senhor considere meus livros apenas folhas costuradas com elegância.

— De maneira alguma. Certa vez, tentei consertar a lombada de um livro antigo. O resultado parecia que o livro havia perdido uma briga com um porco-espinho.

Caí na risada. Jerzy me observou durante alguns instantes, demonstrando evidente prazer, e depois ficou sério.

— Gostaria de mostrar uma coisa à senhora. Não hoje, se já tiver outros planos. Amanhã, na oficina. Talvez assim seja mais fácil definir o que podemos fazer juntos.

— Amanhã, às dez, tenho uma visita do eletricista.

— Às onze?

— Às onze e meia.

— Uma negociadora implacável.

— Deformação profissional.

Ele estendeu a mão. Apertei-a, esperando uma despedida comum. Sua mão era quente, áspera pelo trabalho, e o aperto firme, porém delicado. Ele segurou meus dedos por um instante um pouco mais longo do que a cortesia exigia, antes de soltá-los.

— Até amanhã, dona Grażyna.

— Até amanhã, senhor Jerzy.

No caminho de volta para casa, tentei convencer a mim mesma de que pensava exclusivamente no empreendimento que estávamos organizando. Não obtive muito sucesso.

À tarde, minha amiga Elżbieta telefonou. Nós nos conhecíamos desde a universidade, e ela pertencia ao pequeno grupo de pessoas capazes de reconhecer meu estado de espírito simplesmente pela maneira como eu dizia "alô".

— O que aconteceu? — perguntou quase imediatamente.

— Nada de especial.

— Grażyna, durante três anos ouvi você dizer "está tudo bem" com a voz de quem estava preenchendo um relatório de danos. Hoje está falando de outro jeito.

Contei sobre as oficinas planejadas, a discussão a respeito do cronograma e o vizinho que aparentemente não considerava minhas planilhas a forma mais elevada da civilização humana.

— E como ele é? — perguntou Elżbieta.

— Teimoso. Tranquilo. Tem cinquenta e seis anos, trabalha como luthier e acredita que a maioria dos problemas pode ser resolvida com paciência.

— Não pedi o currículo dele.

Aproximei-me da janela. Entre os galhos dos pinheiros, conseguia ver o telhado da oficina.

— Ele tem uma voz bonita — admiti. — E um jeito de olhar que me deixa um pouco sem graça.

Elżbieta permaneceu em silêncio por alguns instantes.

— Você sabe que pode simplesmente achar alguém atraente, não sabe?

— Sei.

— Não parece muito convencida.

Apoiei a testa contra o vidro frio.

— Às vezes tenho a impressão de que, se eu realmente começasse a viver de novo, precisaria deixar Adam para trás.

— E você quer deixá-lo para trás?

— Não.

— Então não deixe.

A resposta foi tão simples que, por um momento, senti raiva. Depois compreendi que ela não estava tentando resolver problema algum por mim. Apenas me lembrava de que nem toda mudança precisa significar uma traição ao que existiu antes.

Naquela noite, sentei-me para trabalhar. O romance que eu traduzia contava a história de uma mulher que retornava à casa da família depois de anos de ausência. Parei diante de uma frase que descrevia um quarto cheio de objetos

deixados pela mãe falecida. O autor havia escrito que as lembranças não ocupam espaço até que a pessoa comece a construir paredes ao redor delas.

Traduzi a frase, depois a apaguei e escrevi novamente. Fiquei olhando para a tela durante muito tempo, sem encontrar a palavra adequada.

Por fim, fechei o computador.

Sobre a cômoda estava a fotografia de Adam que eu trouxera de Varsóvia. Ele aparecia sorrindo, com os olhos ligeiramente semicerrados, vestindo sua camisa azul-marinho favorita. Passei o dedo pela borda da moldura.

— Não sei o que estou fazendo — sussurrei.

Não esperava resposta. Havia muito tempo aprendera que ela não viria.

Mais tarde, saí para o terraço. O crepúsculo avançava sobre o lago, e o ar cheirava a resina e folhas úmidas. Da oficina vizinha vinha um ruído suave de pequenas batidas. Jerzy aparentemente continuava trabalhando.

Por um instante, tive vontade de ir até lá, perguntar se precisava de ajuda ou simplesmente ouvir suas histórias sobre madeira e instrumentos. Mas parei junto aos degraus.

Eu tinha cinquenta e dois anos e uma casa própria. Já não precisava provar que era sensata nem tratar cada decisão espontânea como uma ameaça.

Mesmo assim, voltei para dentro.

No dia seguinte, definiríamos as regras da parceria. Eu repetia para mim mesma que essa era a única coisa que nos unia.

Quando fui me deitar, porém, não pensava nas oficinas nem nos prazos. Lembrava-me da maneira como Jerzy